

## CONDIÇÕES HISTÓRICAS ESTRUTURA OU ACONTECIMENTO ESTAÇÃO ALTHUSSER - FOUCAULT - PÊCHEUX

### META

Apresentar e discutir três pontos relativos às condições históricas de produção do discurso: as transformações próprias do materialismo histórico; repetição e memória discursiva; acontecimento histórico, espaço e entrecruzamento discursivo.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

compreender relações elementares entre o discurso e as condições materiais de sua produção;

compreender as noções de sujeito histórico-social e memória discursiva.

compreender relações entre acontecimentos discursivos e entrecruzamentos discursivos;

observar questões fundamentais, na língua, sobre o sujeito das práticas discursivas e sobre o funcionamento léxico-sintático.

### PRÉ-REQUISITOS

Princípios básicos das aulas das aulas anteriores.



Louis Althusser  
(Fonte: [www.marxists.org/portugues/althusser/althusser.jpg](http://www.marxists.org/portugues/althusser/althusser.jpg))



Michel Foucault  
(Fonte: [www.michel-foucault.com/gallery/pictures/foucault08.jpg](http://www.michel-foucault.com/gallery/pictures/foucault08.jpg))

### INTRODUÇÃO

Precisamos reconhecer que não somos a origem do que dizemos. Essa consideração pode assustar um pouco! Mas convenhamos. Quando alguém diz ao celular:

“Estou chegando”

Mesmo sabendo que está muito distante da pessoa com quem fala e, claro, de realmente não estar chegando, quem fala não fala porque quer, fala porque todos falam. Todo mundo fala “estou chegando” ao celular. Quer dizer, há uma contradição entre o que a pessoa pensa/sabe e o que fala. Essa contradição é própria não da pessoa, não do indivíduo, essas instâncias pouco estão implicadas por dizerem “estou chegando”. Mesmo que uma pessoa minta para outra e haja demora, e ela chegue atrasada e depois apareçam comentários a respeito da mentira, e até discussão, isso pouco importa: as pessoas falam “estou chegando” independentemente de estarem chegando.

Ninguém precisa nem ao menos pensar sobre esse “estou chegando”. Essa voz impensada é de um locutor enquanto sujeito social coletivo. No indivíduo, o “estou chegando” é meio inconsciente!

O celular tornou possível essa mentira “não intencional”. É verdade que muitas vezes é mentira mesmo e, claro, bem consciente. Nesse caso, o enunciado é um instrumento argumentativo na relação. O “estou chegando!” (um presente em andamento) antecipa a chegada porque abre um intervalo semântico, ou seja, um tempo discursivamente construído ao suspender os limites definidos por “cheguei” e “chegarei”. O tempo presente em movimento realiza esse sentido de instrumento de defesa daquele que fala, quer dizer, antes de chegar, o indivíduo “já está chegando” na relação. Nesse caso, as noções dêiticas (espaço/tempo – eu/tu), fundamentais na enunciação, precisam ser redefinidas tendo em vista a interferência dos meios de comunicação enquanto materialidade histórica. Observemos que incessantemente perguntamos onde está o interlocutor (Tá onde agora?!).

De qualquer forma, consciente ou não, mentindo ou dizendo a verdade, todos os enunciados só são possíveis porque há condições históricas materiais de produção. O telefone celular tornou possíveis as condições para essas práticas discursivas. Não são poucos os que falam sozinho ao telefone para negar a solidão ou para evitar uma conversa indesejada com um pedinte que se aproxima. Isso porque temos uma relação histórica com os meios de comunicação. Esse fato nos permite generalizar as relações entre o discurso e suas condições mais amplas de produção: as condições históricas. Vejamos!

## REPETIÇÃO E MEMÓRIA DISCURSIVA

As condições históricas de produção são, pois, decisivas para compreendermos o discurso. A questão central é que o enunciado “estou chegando!” raramente fora realizado antes do advento da telefonia móvel celular. Para nós, apesar de ser fundamental, não é a chegada do aparelho celular em nossas relações sociais que interessa. Mais importante é a repetição do enunciado como parte do acontecimento histórico. É por conta da repetição que são produzidos efeitos de sentido entre locutores. Falamos “estou chegando!” sem que pensemos e/ou lembremos o porquê. Essa falta de lembrança, essa ignorância das causas que nos determinam está na base de nossa existência: é uma base discursiva.

A repetição é parte dos elementos estruturais das condições de produção do discurso sobre os quais nos fala a chamada escola francesa de Análise do Discurso. (Entre outras publicações, ver Revista *Langages* (11, 13, 23, 24, 37, 41, 52, 55, 62...) e *Matérialités Discursive*, PUL, LILLE, 1981. Em resumo, do modo como está sendo praticado, o “estou chegando” só é possível por conta das condições históricas de produção.

## LUGAR SOCIAL E FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

A noção de condições de produção é tratada por Michel Pêcheux (1969; trad. bras. 1997, p.79-87) que reformula o esquema da comunicação de Jakobson e enuncia elementos estruturais das condições de produção: “os locutores designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais... Designam lugares determinados na estrutura de uma formação social... Assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do ‘patrão’, do ‘funcionário de repartição’, do contramestre, do ‘operário’ são marcados por propriedades diferenciais determináveis” (1969, p. 82). Nesse caso, cada indivíduo é múltiplo. Um mesmo indivíduo, quando está em família fala o pai, no trabalho fala o profissional, na igreja, o religioso, no hospital, o paciente etc.

Para Pêcheux, esses lugares estão representados nos processos discursivos e o que funciona nesses processos “é uma série de formações imaginárias que A e B se atribuem cada um a si e ao outro a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” (p. 82). Ou seja, o lugar social, a posição social ocupada pelo sujeito significa na fala, mas também entram nessa fala os sentidos do lugar social daquele para quem se fala (como vimos quando estudamos situação de comunicação na Aula 3).

Assim, a própria linguagem constitui condições históricas de produção na medida em que as relações, ou seja, a movimentação de sentidos entre locutores é afetada por representações imaginárias. É também por isso que o “estou chegando” é dito insistentemente por aquele que está ao telefone.

Outro exemplo: um desdobramento histórico

Um ganhador da loteria, iniciante no mundo dos milionários, disse ano passado na televisão:

“Ainda não caiu a ficha!”

Esse enunciado tem uma relação com uma materialidade empírica com a qual não mais convivemos. Ou seja, não existe mais o uso de ficha em telefones públicos. Mas como sabemos, há diversas situações em que dizemos “ainda não caiu a ficha!”. O fato é que sentidos derivados de outras condições “que deixaram de funcionar, mas que deram nascimento a ‘tomadas de posição’ implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo” (PÊCHEUX, *op.cit.* p. 85). Por isso, o “ainda não caiu a ficha” deslizou para outras situações. Podemos dizer que houve um desdobramento histórico.

O enunciado descreve um fato físico que significava contato com o interlocutor, a queda da ficha significava que a ligação tinha sido completada. Desse sentido de contato, houve um deslizamento, e o “ainda não caiu a ficha” passou a significar um indivíduo surpreso, atônito etc. E, para Pêcheux, esse desdobramento histórico não está ao alcance do indivíduo, ele é da ordem de um sujeito geral, coletivo, dependente da estrutura das formações sociais.

### ACONTECIMENTO E ESPAÇOS DISCURSIVOS

Em seu *O discurso: estrutura ou acontecimento* (trad. Bras. 1997), Pêcheux analisa um enunciado que “pegou” e atravessou a França, quando da eleição do presidente François Mitterrand em 10 de maio de 1981: o enunciado é “On a gagné” [“Ganhamos”]. Fundamentalmente, o analista nos ensina como a materialidade discursiva, o ritmo, a melodia “constitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar” (p. 21). Quer dizer, houve um deslizamento contraditório de sentidos do esportivo para o político. Contraditório porque é claro que não é coerente pensar a política como se fosse esporte. E, para nós, é decisivo compreender que o fato desse deslizamento se dá totalmente fora do controle dos indivíduos. Na verdade, são as condições históricas de produção do discurso político na França que tornaram essa realidade possível. O analista nos faz compreender essa contradição problematizando duas questões que partem da própria língua:

a) Sobre o sujeito do enunciado: quem ganhou?

Diz-nos Pêcheux,

“A sintaxe da língua francesa permite através do *on* indefinido, deixar em suspenso enunciativo a designação da identidade de quem ganhou: trata-se do “nós” dos militantes dos partidos de esquerda? Ou do ‘povo da França?’ ou daqueles que sempre apoiaram a perspectiva de um Programa Comum? Ou daquele que não mais se reconhecendo na categorização parlamentar direita/esquerda, se sentem, no entanto, liberados subitamente pela partida de Giscard d’Estaing e de tudo o que ele representa? Ou daqueles que, ‘nunca tendo feito política’, estão surpresos e entusiasmados com a idéia de que enfim ‘vai mudar?’ ...” (p. 24).

Se no espaço logicamente estabilizado do esporte, responder a pergunta “quem ganhou o jogo?” restringe-se a uma alternativa entre duas possibilidades (X ou Y), no espaço político, como vemos, as relações não são estáveis, não são definitivas. Nesse caso, temos a contradição. Vejamos segunda questão:

b) Sobre o complemento do enunciado: ganhou o quê, como, por quê?

A descrição feita pelo autor, passados dois anos do acontecimento, aponta para a indefinição dos possíveis complementos de “Ganhamos” já que diferentemente do espaço do esporte, onde quem ganha é o melhor, ou teve mais sorte, no espaço político, aquilo que se ganha será ou não obtido posteriormente em um processo de equívocos.

É fundamental compreendermos a análise como um questionamento teórico a respeito do entrecruzamento de diferentes espaços discursivos e das contradições daí decorrentes. Ou seja, esse entrecruzamento é resultado do processo histórico que contraditoriamente levou os franceses a considerar a política de modo semelhante ao esporte, e o que é mais importante, sem que tenham pensado a esse respeito. A conclusão decisiva é que as condições de produção estão na base de produção dos discursos, na base de constituição do sujeito, de nossa existência enquanto seres sociais e históricos. Vejamos então o que nos diz, a respeito do tema, o DAD:

“As condições de produção desempenham um papel essencial na construção dos corpora, que comportam necessariamente vários textos reunidos em função das hipóteses do analista sobre suas condições de produção consideradas estáveis. A correlação muito mecanicista entre o discurso e as classes sociais foi criticada pelos especialistas da microsociologia das interações que insistem nas margens de manobra

dos sujeitos (sob o risco de considerar sujeitos sem contexto e sem memória). Em uma perspectiva que deve muito a Foucault, ela cedeu a vez a uma visão mais complexa das instituições discursivas e da relação entre o interior e o exterior do discurso”. MAINGUENEAU, 1991; ou GUILHAUMOU, 1998b, a propósito do papel dos mediadores).

“Além do seu emprego na linha dos trabalhos de Pêcheux e de sua redefinição por Courtine (1981, p. 19-25), essa noção [condições de produção] terminou por adquirir um sentido geral, assimilando-se algumas vezes a contexto, termo também ambíguo, entendido como o conjunto dos dados não-linguísticos que organizam um ato de enunciação. Evidentemente, isso representa um problema, pois nesse conjunto de dados há os que decorrem apenas da situação de comunicação e outros, de um saber pré-construído que circula no interdiscurso e sobredetermina o sujeito falante. Dito de outra forma, algumas dessas condições são de ordem situacional e outras de ordem do conteúdo discursivo. É certo que um sujeito falante é sempre parcialmente sobredeterminado pelos saberes, crenças e valores que circulam no grupo social ao qual pertence ou ao qual se refere, mas ele é igualmente sobredeterminado pelos dispositivos de comunicação nos quais se insere para falar e que lhe impõem certos lugares, certos papéis e comportamentos.”. (*Dicionário de Análise do Discurso* - CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004.)

## CONCLUSÃO

Ao longo dessa aula, estudamos alguns enunciados: “estou chegando!”, “tá onde agora?”, “ainda não caiu a ficha!” e “Ganhamos!”. Observemos que em todos eles, procuramos descrever seus traços lingüísticos e fatos de linguagem sempre articulados a dimensões sociais e sobretudo históricas. Em nenhum momento foi preciso avançar muito em categorizações metalingüísticas, isto é, não foi preciso fazer um estudo gramatical para desenvolver as análises. Isso acontece porque o discurso não obedece a categorizações e, assim, não há fórmulas para estudá-lo. As descrições buscam sobretudo os efeitos de sentido entre locutores produzidos pelos enunciados na constituição do sujeito.

Os efeitos de sentido vêm em uma infinidade de formas e pelas mais diversas interferências: vimos o caso do celular, mas tanto oralidade como a própria escrita interferem produzindo efeitos de sentido (ver, por exemplo, o já citado *O Grau zero da escritura*, Barthes) vimos também que a própria língua interfere porque ela significa uma memória discursiva; por fim, vimos que há interferências de um discurso no outro, ou seja, porque um discurso não nunca fechado em si mesmo: o outro sempre irrompe no discurso

## 6



## RESUMO

Os estudos da linguagem de um ponto de vista discursivo devem reconhecer que as condições históricas materiais de produção são fundamentais já que elas interferem nos sentidos daquilo que falamos. Quer dizer, há relações muito específicas entre o que dizemos e o materialismo histórico, os processos de transformação das coisas com as quais nos relacionamos. Por outro lado, por conta da repetição de diferentes formas, a própria linguagem constitui condições materiais de produção de efeitos de sentido entre locutores, ou seja, de discurso. São os processos históricos que tornam possível a repetição de formas, de sentidos daquilo que não mais lembramos. Os processos históricos constituem uma memória discursiva. Eles nos fazem esquecer as causas que nos determinam e constituem o sujeito fora do domínio consciente do indivíduo. É por isso que dizemos “ainda não caiu a ficha”, sem pensar a respeito dos antigos sistemas analógicos de telefonia e suas “fichas caíndo!”. Um terceiro ponto que especifica as relações entre discurso e condições de produção diz respeito ao entrecruzamento de espaços discursivos. Quando falamos, falamos a partir de um lugar social regidos por determinadas condições estruturais. A fala de uma torcida de futebol obedece a determinadas condições, outras condições determinam o que diz o político. Mas isso não impede que os sentidos de um lugar social compareçam em outro. Na verdade, esse comparecimento, essa relação com o outro é indispensável. No discurso, a presença do outro é inseparável, é constitutiva, é condição histórica de produção.

## ATIVIDADES

Leia o texto *Amor sem pudor* de Jonathan Franzen, publicado no Caderno Mais! do Jornal Folha de São Paulo, em 16.11.2008 (disponível na plataforma). Observe como o autor relaciona o discurso às suas condições de produção relativamente ao momento histórico. É um belo texto!



## REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU & MAINGUENEAU. **Dicionário de Análise do Discurso** -, 2004.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et all. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. (Coleção Repertórios).
- \_\_\_\_\_. **Matérialités discursive**, Pul, Lille, 1981.
- \_\_\_\_\_. FUCHS (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas In: GADET; HAK. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP, editora da Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F. et HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Edunicamp, 1990.
- \_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (1969). In: GADET; HAK. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP, editora da Unicamp, 1997.
- Langages* (11, 13, 23, 24, 37, 41, 525562...).